

Homenagem a Américo Simas Filho

Fernando L. Fonseca

A Egrégia Congregação da Faculdade de Arquitetura encarregou-nos de ser o porta-voz nesta ocasião daquele sentimento de apreço e de carinho que devotávamos todos nós ao mestre insigne que nos deixou há um ano atrás. Não sabemos porque a escolha recaiu sobre o mais moço dos titulares, talvez porque o convívio cotidiano tenha deixado em nós a marca indelével da saudade e o destino tenha reservado cumprir mais essa tarefa espinhosa de reverenciar a memória daquele que, avesso às homenagens, preferiu o silêncio de seu gabinete, junto a seus livros, seus documentos, seus mapas e fotos antigas, a produzir trabalhos que vão projetá-lo mais longe do círculo restrito da cátedra.

É ainda consternado e sob o peso de uma responsabilidade imensa que estamos aqui, para reverenciar a memória daquele que, por quase trinta anos foi nosso mestre, nosso companheiro de lutas e, sobretudo, nosso amigo.

A Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, nesta data, sente-se no dever de prestar, de forma ainda singela, as homenagens àquele que, entre os seus professores foi "primus inter paris", foi o mestre inigualável no cumprimento do

dever, foi aquele que se destacou por seu espírito de justiça e soube, com sabedoria, conduzir ao caminho certo do direito e do conhecimento os arroubos da juventude inquieta.

Quem o conheceu de perto, quem teve o privilégio de conviver o seu "dia a dia" entre o seu gabinete de trabalho e a sala de aula, pode avaliar o quanto foi útil à instituição a que serviu, e o quanto foi amigo de todos, desde ao companheiro docente, ao aluno com problemas, até ao mais humilde servidor. Tinha para cada um aquela palavra de estímulo ou consolo que faz bem ao coração da gente, e a sua sabedoria indicava até mesmo o momento propício de silenciar.

Américo Furtado de Simas Filho, nasceu em Salvador, a 2 de junho de 1916, filho de Américo Furtado de Simas e da Exma. Sra. D. Rachel Bompert de Simas. Herdou do pai a retidão de costumes a quem venerava e cultivava a memória como um grande exemplo de sua vida. Buscava seguir-lhe os passos e transmitia a todos os ensinamentos recebidos, até mesmo a sua filosofia existencial. O velho Simas, como o chamava, era para o Professor Américo a grande fonte onde ia buscar a sabedoria, a qual sorvia com sofreguidão mas com o respeito e a veneração, compatíveis com a sua moderada formação.

Tracemos um ligeiro esboço de seu perfil e de sua carreira universitária, limitando-nos apenas as suas atividades como docente e nos seguimentos da Universidade.

Ingressando na antiga Escola Politécnica da Bahia, diplomou-se em 1938 em Engenheiro Civil, exercendo, a partir de então, a sua profissão até que, em 1951, iniciou a sua luzidia carreira docente, quando foi contratado para ensinar Organização do Trabalho prática Profissional, no Curso de Arquitetura da veneranda Escola de Belas Artes.

Em 1953 conquistava o título de Livre Docente da mesma disciplina, e em 1955 defendia brilhantemente a tese: "O arquiteto na Civilização Ocidental", galgando o topo da carreira do magistério como Catedrático de Prática Profissional.

Em 1956, aceitou a regência da disciplina Arquitetura Analítica dos cursos de Belas Artes e Arquitetura, tendo oportunidade de reestruturar o ensino daquela matéria, fazendo-a dotar de inestimável acervo, não apenas bibliográfico, mas de material didático até hoje utilizado.

Partilhou com outros companheiros dos movimentos de separação e independência do curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes, tendo continuado o seu labor, compondo comissão para escolha do terreno para a construção da nova Faculdade e, mais tarde, presidente da comissão instituída para a elaboração do projeto da sede da nova Escola, liderou o grupo de trabalho e exerceu em tempo integral, até em período de férias escolares, as tarefas confia-

das. Debatia com os membros participantes do grupos as novas idéias, reformulando pontos menos claros e sugeria medidas corretoras para o melhor desempenho das tarefas, usando os princípios da ação do Pe. Leuret a quem seguia e recomendava aos seus comandados. Era um verdadeiro líder. Eis um exemplo de sua vida. Pedimos vênica para lembrar que, em certa ocasião, havíamos recebido convite para examinar um candidato a Livre Docência em uma Universidade do Nordeste. Ao ser instalada a Comissão Julgadora, com a presença de mais três Professores Titulares, o mestre Américo pediu a palavra e solicitou para ler os documentos legais daquela Universidade, e em poucos minutos, depois de conhecer o Regimento e Estatuto, sugeriu reformular o esquema inicial traçado pelos professores locais, sem ferir os textos legais, dando uma forma mais objetiva e mais racional ao concurso. Dominara o grupo, logo de início, antes de qualquer discussão maior, passando a liderar a comissão, dirigindo os trabalhos, como se fora o decano daquela Universidade e a quem os demais reconheciam nele essa qualidade. Não apenas aí, mas em todas as ocasiões que participava de trabalho de grupo, revelava-se com destaque, passando, naturalmente, a comandar os trabalhos. Era, assim, o nosso mestre.

O seu pragmatismo, a sua objetividade, sem rodeios e distorções, conferiam ao mestre Simas o título de líder. Quem o conheceu de perto sabe e reconhece o seu poder de liderança, transformando-se, por isso mesmo em pessoa admirada, embora aqueles que não tiveram o privilégio de trabalhar mais tempo sob o seu comando, não lhe reconheçam essa qualidade, rara nos dias atuais.

Por seu conhecimentos e títulos, por sua retidão de trabalho e de costumes, por sua organização e por seus méritos pessoais, participou por indicação das Egrégias Congregações, como membro ou presidente de Comissões Julgadoras de Concursos, não apenas na nossa Universidade, mas de outras do Nordeste, do Sul e Centro Sul do país. Foi um daqueles que organizou o funcionamento da Faculdade de Arquitetura do Ceará, quando da sua criação, tendo também, nessa ocasião, posição de destaque.

Suas atividades universitárias não se limitam a esse campo específico. Na área administrativa aceitara dirigir o antigo Departamento Cultural da Reitoria a convite do então Reitor Miguel Calmon du Pin e Almeida, sob as condições de levar a sua equipe, e com carta branca para agir. Entre 1965 a 1967, quando foi diretor daquele Departamento, conseguiu controlar e supervisionar o trabalho de mais de uma dezena de comissões, encarregadas da elaboração de projetos da Reforma Universitária. Colégio Universitário, Prefeitura do Campus, Imprensa Universitária, Superintendência Acadêmica, Planejamento, Sistemas de Bibliotecas, Aperfeiçoamento de pessoal docente, Pesquisa e Pós-Graduação-Extensão, Reforma Administrativa, Currículos e Programas, Estatística, Se-

leção, Ingresso na Universidade foram as principais dessas comissões que coordenou naquele tempo. Amante das comunicações e da divulgação séria dos trabalhos realizados, reformulou o Boletim Informativo (parte administrativa) e criou o Boletim Cultural para divulgação dos trabalhos realizados pela Reitoria, com a finalidade de noticiar os eventos mais importantes da Universidade. Esse boletim seria a célula que deu início ao lançamento em 1968 do primeiro número da revista *Universitas*.

Convidado para participar da reunião do Conselho de Reitores levava à discussão os problemas relativos à Reforma Universitária, sendo suas propostas aceitas, permitindo assim que a mesma reforma fosse implantada, já no reitorado do Prof. Roberto Santos, sendo a Universidade da Bahia a primeira das Universidades brasileiras a implantar a Reforma Geral, dentro dos moldes propostos.

Exerceu ainda outras atividades acadêmicas destacando-se como Coordenador dos cursos de Pós-Graduação sobre Recôncavo, em convênio com a USP em 1969.

Estava presente nos cursos de Pós-Graduação, nos Seminários, Congressos, nos cursos de Extensão, como palestrante, conferencista ou apresentando indicações aceitas por todos. Era uma figura que impunha respeito. A sua paixão pelos problemas de preservação e conservação dos monumentos arquitetônicos e sítios históricos, levou-o a promover os meios necessários à criação do Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia, junto à nossa Faculdade, conseguindo congregar aqueles professores mais jovens e mais interessados a participarem dos estudos e pesquisas dos monumentos mais característicos de Salvador e Recôncavo, incentivando e aceitando a colaboração dos estudantes, e fazendo despertar neles o gosto pelos problemas relacionados com a preservação do acervo cultural entre nós.

Organizando uma equipe para estudar a Igreja do Santíssimo Sacramento e Santana e depois o da Ordem Terceira do Carmo; conseguiu dar formas ao Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia, CEAB, em 1962, que passou a dirigir sem descanso e sem esmorecimento.

O CEAB era o seu domínio, era a nau capitânea que comandava tranquilamente ao sabor das tormentas pela falta de recursos. Nos primeiros tempos instituiu a taxa de contribuição dos seus componentes, possibilitando assim a compra de material de consumo, compra e encadernação de livros e até mesmo o pagamento de pessoal de apoio. Conseguia o mestre a maneira mais suave e racional para manter o CEAB vivo e em atividade. Todos nós pagávamos uma taxa mensal para continuarmos trabalhando. Essa medida causava espanto a tantos quanto nos visitavam, vindos de outras plagas do país ou do estrangeiro. E só assim, o CEAB

conseguiu se manter e sobreviver. Depois chegaram os tempos áureos dos convênios firmados com o Poder Público para a realização de pesquisas e aí, o mestre Américo compunha os preços de cada uma das tarefas, sem visar qualquer lucro. Os orçamentos eram reais e, por isso mesmo, modestos. Conseguiu-se assim realizar bastante. E o CEAB cresceu, regularizou-se e prestou, como ainda presta, serviços às comunidades baianas e sergipanas.

O CEAB aí está prosseguindo nos trabalhos iniciados pelo mestre. Evolução Física da Cidade do Salvador, Evolução Urbana de Cachoeira, na Bahia e também Larangeiras e S. Cristovão em Sergipe, são alguns dos principais trabalhos realizados pelo prof. Américo. Dedicou-se de corpo e alma, sem medir sacrifícios aos trabalhos que gostava de fazer, interpretando documentos, sugerindo o desenho de plantas, elaborando textos e discutindo com os demais membros em reuniões periódicas, os novos achados, as novas descobertas e as novas conquistas no campo da pesquisa histórica. Essa era a sua distração maior, rodeado de pessoas, expondo suas idéias ou as novas metas a seguir. Este era o pesquisador incansável em busca da verdade escondida pelas brumas dos anos. E nisso rejuvenescia.

Na qualidade de professor universitário e por sua atuação no campo da defesa do patrimônio cultural do Estado, fôra membro do Conselho Estadual de Cultura, onde se destacou por sua atividade constante e sempre presente, defendendo o acervo arquitetural de nosso Estado e realizando trabalhos de elevado interesse para todos. Destacou-se como membro e presidente da Câmara de Patrimônio do mesmo Conselho, sendo relator de muitos processos, emitindo pareceres substanciais e sobretudo educativos. Batalhava pelo direito de preservação da herança recebida de nossos ancestrais com o vigor e a firmeza peculiares a seu caráter. E era veemente e incisivo nos seus apartes a discussões sobre esses problemas. Apaixonado pelas causas maiores sofria ao ver dilapidado o nosso patrimônio, ou ao ter notícia da perda irreparável de algum imóvel de valor. Era um sentimental.

Como professor, nesta mesma sala de aula, onde nos deu a sua última lição de silêncio, *pontificou* sereno, seguro e firme, com voz tronitoante e vigorosa.

Agigantava-se, crescia ante a platéia silente e atenta dos acadêmicos. Aqui era para todos apenas o mestre, cheio daquela luz de sapiência que emanava de sua voz.

Senhores, permita-nos recordar uma outra faceta de sua vida, aquela que poucos conheciam. O seu lado humano, o seu toldo bom, escondido atrás da roupagem de altivez quase austera em que se revestia.

Possuía um espírito crítico e não media momentos ou situações para revelar-se.

Recordamos que nas grandes solenidades, nas grandes reuniões, costumava cochichar ao seu vizinho e geralmente éramos nós, alguma observação chistosa quer de atitudes, gestos, ou palavras de alguém na assembléia. Numa ocasião - Aula Magna de início dos cursos, - salão repleto de autoridades, professores, estudantes; o orador transcorria sobre tema de nosso pouco interesse. De repente, pela passarela central penetra uma equipe de fotógrafos, jornalistas e operadores de TV.

O velho mestre recurvando-se para nosso lado, diz entre dentes:

- Fernando, esconda-se vêm chegando os marcianos.

Quem pode se conter nessas ocasiões? Conseguimos reprimir o riso com um pigarro e mordemos o lábio inferior até quase sangrar.

Outra feita em assembléia semelhante, o tempo se escoava monótono e quente. O mestre Américo nos observou baixinho:

- Cuidado que o A..... vai cair da cadeira.

Olhamos para o nosso colega que estava sentado à nossa frente e, de fato, o velho professor cabeceava e roncava à sono solto, enquanto o orador suava para cumprir sua tarefa.

O mestre era assim, chistoso, crítico e com um senso de humor pouco entendido e até mal interpretado. Aos mais íntimos apelidava como era de seu gosto:

Almeidares, Help, Charlô, Flexoriana, e para nós reservara Vitruvino, Foncasse e até mesmo Secorema. Era crítico, mas respeitoso e, por isso mesmo só brincava com os mais íntimos.

Eis o seu lado bom, que crescia quando aconselhava ou indicava o melhor caminho a se seguir.

Meus senhores.

O mestre Américo levava a sua crítica e seu humor até às coisas e objetos, e como exemplo lembramos que ele não designava as salas de aula pelos números estabelecidos. O auditório 2 era o demoiselle, o antigo auditório 3 era a Mastaba, apenas o auditório 1 não tinha nome especial. Por isso mesmo estamos reunidos hoje para num gesto comum, fraternal e amigo, batizá-lo com o nome de Américo Simas Filho.